

NATALIA GINZBURG

# A família Manzoni

*Tradução*

Homero Freitas de Andrade



Copyright © 1983, 1989, 1994, 2005 e 2013 by Giulio Einaudi editore s.p.a., Turim

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

La famiglia Manzoni

*Capa*

Raul Loureiro

*Preparação*

Silvia Massimini Felix

*Revisão*

Carmen T. S. Costa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ginzburg, Natalia, 1916-1991

A família Manzoni / Natalia Ginzburg ; tradução Homero Freitas de Andrade. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: La famiglia Manzoni

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-2910-2

1. Família – Histórias 2. Família Manzoni – Biografia 3. Manzoni, Alessandro, 1785-1873 – Família 1. Título.

17-02865

CDD-929.2

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Família Manzoni : Biografia

929.2

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# Sumário

<i>Introdução — Paisagens povoadas por rostos,</i> <i>Salvatore Silvano Nigro.....</i>	<i>7</i>
---	----------

## PRIMEIRA PARTE: 1762-1836

Giulia Beccaria .....	31
Enrichetta Blondel .....	51
Fauriel .....	107
Giulietta .....	133

## SEGUNDA PARTE: 1836-1907

Teresa Borri .....	235
Vittoria .....	295
Matilde .....	343
Stefano .....	425

<i>Referências bibliográficas .....</i>	<i>487</i>
---	------------

<i>Crédito das imagens .....</i>	<i>489</i>
----------------------------------	------------

## A FAMÍLIA MANZONI

PRIMEIRA PARTE

1762-1836

Giulia Beccaria

## I.

Giulia Beccaria tinha cabelos ruivos e olhos verdes. Nasceu em Milão, em 1762. Seu pai era Cesare Beccaria; sua mãe, Teresa de Blasco. O pai vinha de uma família nobre; a mãe era filha de um coronel. O casamento fora bastante conturbado. Os dois tinham dificuldades financeiras, mas sempre levaram uma vida de luxo. Cesare Beccaria escreveu, bastante jovem, o livro que lhe deu fama, *Dei delitti e delle pene* (Dos delitos e das penas). Teresa tinha cabelos negros e era magra. Tornou-se amante de um homem rico, um certo Calderara. Pietro Verri, economista, filósofo, amante de uma das irmãs de Cesare, era amigo da família. As relações entre Verri e os dois Beccaria foram sempre tempestuosas, a amizade se rompia e reatava.

Giulia tinha quatro anos quando nasceu sua irmã, Marietta. Nesse mesmo ano, a mãe adoeceu de sífilis. Mesmo assim, continuou a viajar e a levar uma vida mundana. Mais tarde, ainda pôs no mundo um filho homem, que não demorou a morrer. O pai queria muito um menino. Giulia e a irmã cresciam entregues aos cuidados dos criados, pois a mãe, apesar de doente, estava sempre

viajando. Em 1774, Teresa morreu vitimada por sua doença, em meio a dores lancinantes. O pai se desesperou. No mesmo dia da morte da mulher, quis que fosse feito o inventário de seus muitos vestidos e joias. Chamou as duas meninas e disse “é tudo de vocês”. Abraçava-as aos prantos. Mas elas nunca mais tornaram a ver esses vestidos e joias. Ele foi chorar na rica vila de Calderara, o amante da mulher. As meninas ficaram em casa com os criados. Alguns dias depois, Calderara admirou-se de encontrar Beccaria no barbeiro, encrespando os cabelos. “Quero manter uma boa aparência”, ele disse ao amigo. Quarenta dias depois dos funerais da esposa, ficou noivo de uma mulher bonita e rica, Anna Barbò. Casaram três meses mais tarde. Com Anna, por fim, teve o filho homem que desejava. Enquanto isso, Giulia foi mandada a um convento. De saúde frágil, raquítica e corcunda, Marietta permaneceu em casa. Puseram-lhe um colete de ferro e confiaram-na à criadagem. Giulia foi esquecida no convento. Os avós paternos haviam morrido e um tio materno, que a amava, nessa época estava ausente da Itália, morava no Brasil. O único que se lembrava dela era Pietro Verri. Vez ou outra ia visitá-la no parlatório. Quando ela completou dezoito anos, Pietro Verri solicitou ao pai que a recebesse de volta em casa.

Giulia era muito bonita, robusta, inteligente e de caráter forte. Não demorou a se desentender com o pai. Depois se apaixonou por Giovanni Verri, irmão caçula de Pietro, cavaleiro de Malta, homem desocupado, elegante, de traços afeminados. Porém, não era o caso de falar em casamento entre os dois: nem os Verri nem o pai dela pensavam nisso. Giulia não era rica. Então, Pietro Verri e Cesare Beccaria olharam ao redor e pousaram os olhos num certo dom Pietro Manzoni, nobre do campo, viúvo sem filhos, 46 anos. Não rico, mas de modesto patrimônio. Possuía uma propriedade chamada Caleotto, nos arredores de Lecco, onde se hospedava durante o verão. Passava o inverno em Milão, numa



casa nos Navigli,\* na Via San Damiano. Ele se mostrou condescendente em relação ao dote. Assim, o casamento foi logo acertado. Giulia não via a hora de sair de casa.

Dom Pietro Manzoni vivia com sete irmãs solteiras, uma das quais ex-freira, e tinha um irmão que era monsenhor, cônego na catedral. Logo Giulia se tornou muito infeliz. Brigava com o marido e as cunhadas demonstravam-lhe hostilidade. A casa nos Navigli era feia, pequena, úmida e escura. O marido lhe parecia um pobre-diabo, sem talento, desprovido de grandes riquezas ou prestígio. Era conservador e favorável ao clero, ao passo que ela, fosse na casa paterna, fosse na família Verri, absorvera ideias novas e liberais. Entediava-se perdidamente. Não deixou de frequentar Giovanni Verri e a bela casa dos Verri, festiva e sempre cheia de convidados. Levava uma vida agitada, suscitando no cunhado e nas cunhadas uma aversão cada vez mais evidente, e, no marido, o impulso de espioná-la.

Três anos depois do casamento, no dia 7 de março de 1765, veio ao mundo seu primeiro e único filho, Alessandro, que recebeu esse nome em homenagem ao pai dos Manzoni. Foi batizado na igreja de San Babila. Ninguém ficou contente com seu nascimento. Entre Giulia e o marido, os conflitos se tornaram mais áspers. As pessoas comentavam.

A criança foi na mesma hora entregue a uma ama de leite, em Malgrate, nos arredores de Lecco. Giulia retomou a vida de antes. Porém, estava cansada de Giovanni Verri e ele estava cansado dela. Giulia teve uma relação com um tal Taglioretto. Enquanto isso, Alessandro era criado pela ama, numa casa de camponeses, e recebia o afeto da babá e de seus numerosos parentes. De raro em raro a mãe o visitava. Mais tarde ele voltou a Milão, mas sempre passava longas temporadas na casa da ama. O pintor An-

\* Bairro de canais artificiais, navegáveis, construídos no século XII. (N. E.)

drea Appiani fez um retrato de Giulia com o filho, em que ela aparece em trajes de amazona. Tem o rosto duro, ossudo e cansado. Olha para o nada. Não se vê sombra de ternura materna em relação à criança apoiada em seu joelho. A criança tem quatro anos. Giulia deu o retrato de presente a Giovanni Verri.

Nessa época, ela foi apresentada a Carlo Imbonati. Conheceu-o no salão de uma irmã dele, ex-colega de turma no convento. Há um segundo retrato de Giulia, pintado não muito tempo depois do de Appiani, em que ela está com o filho. É obra de uma pintora chamada Cosway, feita em Paris, onde Giulia já vivia com Imbonati e era feliz. Aparece com um chapeuzinho branco e um véu. Nariz fino, uma vaga argúcia na boca que sorri de leve. Parece muito jovem. Os anos e a amargura desapareceram de seu rosto.

Carlo Imbonati era de família rica e nobre. Quando moço, teve Parini\* como preceptor. Adulto, viveu longo tempo no exterior. Acabara de voltar à Itália quando ele e Giulia se encontraram. Tornaram-se amantes. Giulia logo decidiu se separar do marido. O amor dava-lhe força e desejo de clareza. Quando estava ligada a Giovanni Verri não pensara em pedir a separação, sentindo-se sem apoio moral e material, contagiada pela falta de pulso do outro. Agora tudo havia mudado. Escreveu a Pietro Verri. Ele a visitava no convento quando ninguém mais ia e lhe dera certo apoio, mesmo se depois esse respaldo tivesse se mostrado bastante discutível, pois, em cumplicidade com o pai dela, levava-a àquele casamento infeliz. Escreveu-lhe:

“Não me é absolutamente possível viver numa família que está toda voltada contra mim. Meu marido, tomado de um zelo sagrado, quer a qualquer custo que eu alcance o Paraíso à força de sofrimentos aqui na terra; Monsenhor [o cônego da catedral] está

\* Referência ao abade Giuseppe Parini (1729-99), poeta e tradutor. [Salvo outra indicação, esta e as demais notas são do tradutor.]

na sua casa de campo, refinando as ideias e impondo sua prática ao irmão, que volta para casa, perscruta todos os aposentos e creio até que examina atrás dos quadros. A toda hora a ex-freira se impõe o castigo de descer as escadas internas nas pontas dos pés para ouvir o que se diz, e depois vai contar tudo ao digno religioso, que, coitado, é atazanado por um quisto bem visível num dos olhos. Eis o quadro da minha família. Abri meu coração ao senhor, falei e escrevi, e acreditei poder recorrer à sua humanidade em meu favor. Por infelicidade, receio ter me enganado, pois vejo o conde Verri sempre ligado àquela amizade em nome da qual fui um dia inocentemente sacrificada. De resto, na época meu pai não desejou outra coisa a não ser minha infelicidade; ele me conhecia e sabia o que estava destinando a mim. O conde Verri ignorava todas as particularidades: portanto, sua solicitude quanto a meu casamento partia de uma bondade sua em relação a meu pai e a mim. Agora as coisas estão bem diferentes. O conde Verri está a par das minhas circunstâncias críticas e ainda pode apoiar um arranjo que me torna escrava, vil e infeliz? E isso apenas para não contrariar as consequências do despotismo do meu pai, o qual não prova horror pela minha situação, mas apenas desprazer por ver-me arruinar um jogo que ele me impôs. Queira me perdoar, conde Verri, a liberdade com que escrevo; faço uso da única coisa que ninguém pode me dar ou tirar, ou seja, uma firmeza de caráter que me obriga a dizer a verdade sempre no mesmo tom, não importa com quem fale. Uma separação faz-se necessária; eu não poderia suportar por mais tempo meu estado atual.”

Dom Pietro Manzoni fez uma tentativa para manter a mulher consigo. Por não pertencer à alta nobreza, ela desprezava o marido; ele então convenceu os irmãos a apresentar um requerimento para que fossem admitidos no livro de ouro da nobreza. O requerimento foi indeferido. De qualquer modo, a recusa chegou quando Giulia já havia partido.

A separação foi concedida pelo juiz em fevereiro de 1792; dom Pietro Manzoni se comprometia a dar à mulher 2 mil liras por trimestre; Giulia ficava obrigada a se transferir para a casa de seu tio materno, Michele de Blasco, que nesse ínterim tinha voltado da América do Sul; nada se dizia quanto à criança, e por isso ficava subentendido que ela permanecia sob a tutela do pai legítimo, dom Pietro Manzoni. Giulia acompanhou o filho a Merate, ao colégio dos padres somascos, e lá o deixou. Antes, levou-o para despedir-se do avô, Cesare Beccaria; ele, com os anos, tornara-se extremamente gordo; Alessandro, que o via pela primeira vez e não tornaria a revê-lo, mais tarde se lembraria do momento em que ele se levantou da poltrona, pesado, para pegar-lhe um bom-bom numa gaveta. Não parecia muito satisfeito com a visita de ambos. Nessa época, Alessandro tinha sete anos.

Marietta, a irmã de Giulia, havia morrido em 1788, aos 22 anos, sem nunca ter deixado a casa paterna, sempre levando uma vida apagada de doente nos aposentos da criadagem. À morte da irmã, Giulia movera uma ação contra o pai para obter o direito de sucessão na cota de bens da mãe; separada do marido, entregou-se a esse processo judiciário com mais paixão. Apresentou um longo memorial de acusação contra o pai, no qual lembrava que ele a obrigara a um casamento que lhe inspirava “perturbação e repugnância”, e que a defraudara completamente da herança materna, concedendo-lhe um dote miserável, embora, depois da morte do próprio pai, o marquês Saverio, ele se encontrasse em excelentes condições econômicas, com terras e casas. Contudo, em 1794, Cesare Beccaria morreu de repente, em seu quarto, de um ataque apoplético; Anna Barbò, sua viúva, decidiu fazer um acordo com a enteada; e Giulia conseguiu obter muito do que pedia. Partiu com Carlo Imbonati para Paris, no outono de 1796. Em maio desse ano, os franceses haviam invadido Milão, comandados por Napoleão.

Dom Pietro Manzoni, triste e solitário, contemplava ao mesmo tempo o fim de seu casamento e o fim de uma época: em sua cidade reinavam a desordem e a confusão; lá se aglomeravam aqueles soldados que ele odiava; era um homem à moda antiga, e via a seu redor a estabilidade civil e religiosa em que vivera ser varrida por uma tempestade; deixou a casa nos Navigli, que abrigava demasiadas recordações, e transferiu-se para uma casa na Contrada Santa Prassede; passava bastante tempo na tranquilidade de Caleotto; raras vezes chamava o filho para encontrá-lo lá. Um dia, recebeu uma queixa do reitor do colégio dos padres somascos: Alessandro cortara o rabicho, desejando manifestar sua simpatia pelas novas ideias que circulavam por toda parte.

Em 1797, Pietro Verri morreu, também vítima de um ataque apoplético. Quanto ao irmão Giovanni Verri, ele havia ido morar em Belvedere, no lago de Como, com sua amante, a sra. Curoni, e o marido dela.

Em Paris, Giulia sentia-se feliz. Finalmente tinha tudo aquilo que lhe faltara até então. Era livre. Vivia com um homem a quem amava e que a amava, numa cidade grande onde o fato de não serem casados não criava problemas. Vivia com um homem de índole nobre e natureza generosa. Vivia com um homem belo — Carlo Imbonati era belo —, rico, admirado e estimado por todos. Moravam numa casa linda, num bairro excelente, na Place Vendôme. Tinham muitos amigos. Seu próprio sobrenome paterno, Beccaria, de uma hora para outra passou a agradar-lhe, sendo conhecido de todos nos círculos culturais e mundanos. Em toda parte era recebida com festas e cordialidade. Todos se lembravam da figura de seu pai e do famoso livro *Dos delitos e das penas*. Sua longa controvérsia judiciária com ele, os conflitos amargos e humilhantes, os rancores e ressentimentos que acumulara dentro de

si e que por tanto tempo a tinham envenenado eram agora algo remoto que a morte havia aplacado e dissipado. Giulia quase nunca pensava naquele menino que vivia em Merate, no colégio dos padres somascos. Ele fazia parte de sua vida antiga, desprezível e escura, e sobre aquela cabeça de criança pesavam sombras, sentimentos de culpa que Giulia não desejava evocar e recordar. Nunca lhe escrevia.

Na França, as pessoas mais caras a ela e a Imbonati eram um homem e uma mulher que, como eles, viviam juntos sem ser casados: Claude Fauriel e Sophie de Condorcet. Moravam nos arredores de Paris, em Meulan, numa casa que outrora havia sido um mosteiro e se chamava La Maisonnette. Giulia sonhou também ter uma casa no campo, que chamaria La Chaumière.

Sophie de Condorcet beirava os trinta anos. Era morena, com um tom de pele oliváceo. Tivera uma existência rica em reveses. O marido, o marquês de Condorcet, filósofo e matemático, era girondino; com a queda dos girondinos em 1793, foram atrás dele para prendê-lo; escondeu-se numa casa de camponeses. A mulher ia encontrá-lo vestida de camponesa, mas pedira o divórcio para salvar os bens confiscados. Depois Condorcet tentou fugir, foi preso e envenenou-se com estramônio; conseguiu o veneno com um amigo médico, Pierre Cabanis. Viúva, para manter a filha, a irmã e uma velha governanta, Sophie ia todos os dias à prisão fazer o retrato dos condenados à guilhotina. Recuperou parte dos bens confiscados. Conheceu Claude Fauriel quando passeava pelo Jardin des Plantes; ambos amavam a botânica. Ela o tirou de Madame de Staël, com quem à época ele mantinha uma relação. De qualquer modo, Madame de Staël e Fauriel continuaram amigos.

Fauriel era filólogo. Nascera em Saint-Étienne, um povoado entre as montanhas Cevennes, de uma família humilde. Fez seus estudos em Tournon. Em 1793, foi nomeado tenente de um ba-

talhão de infantaria. Durante o Diretório, retirou-se para Saint-Étienne e estudou grego, latim e turco. De volta a Paris, sendo amigo de Fouché, tornou-se seu secretário e inspetor de polícia. Como funcionário da polícia, era extremamente atento às necessidades do próximo, sensível às desgraças alheias e rápido em prestar socorro. Pediu demissão quando estava prestes a fazer carreira. Não tinha ambições e, sempre que estava para atingir um grau muito alto, demitia-se na mesma hora. Era, de acordo com Saint-Beuve, um eterno demissionário. Amava, como se disse, a botânica. Amava a natureza e sobretudo as paisagens às margens do Loire, os locais nas cercanias de seu povoado. Amava percorrer os campos de manhã cedo, e herborizar. Amava, ainda de acordo com Saint-Beuve, sempre remontar à origem das coisas: amava “as nascentes dos rios, as civilizações em seu surgimento”, a arte e a poesia em suas formas primitivas, e, quando herborizava, escolhia entre as plantas sobretudo o musgo e a vermiculária. Era muito bonito e amado pelas mulheres. Era o homem mais bonito de Paris, segundo Stendhal. Era alto e moreno, com lábios grossos e túmidos, traços fortes e marcados, olhos tristes e taciturnos. Tinha a amizade em alta consideração. Apaixonava-se pelos temas que seus amigos estudavam e passava também a estudá-los. Era dotado da capacidade de ouvir e todos lhe faziam confidências. Teve muitos amigos: Cabanis, Madame de Staël, Benjamin Constant; mais tarde, Manzoni. Foi um tradutor extraordinário. Era vaidoso e se deleitava quando elogiavam suas obras, sobretudo as traduções. Sophie de Condorcet viveu vinte anos com ele, mas não quis desposá-lo porque ele não era nobre e pertencia a uma classe inferior à dela. Seria uma *mésalliance*.<sup>\*</sup> Ocorreria a Revolução e Sophie de Condorcet era em muitos aspectos uma pessoa livre de preconceitos, mas a ideia de que se rebaixaria casando

<sup>\*</sup> Em francês, no original “casamento desigual”.

com um homem de origem humilde permanecia incrustada em sua mente. Muitos anos depois, quando Sophie de Condorcet morreu, Fauriel foi rejeitado e desprezado pelos parentes dela, com os quais vivera em estreita intimidade durante muito tempo. Eles o deixaram só.

Sophie de Condorcet era uma mulher de maneiras gentis, desenvoltas, controladas e dignas. Giulia a admirava, mas sentia-se intimidada e temerosa. A outra a tratava com indiferença e com um tom protetor. Giulia costumava manifestar impetuosamente à amiga o próprio afeto; recebia em troca respostas cortes, mas frias. Giulia sofria e se confidenciava com Fauriel. “Se é algo cruel não ser amado quando se ama, é algo não menos tormentoso sentir-se amado a nosso malgrado; é esse exatamente o meu caso em relação à mulher graciosa e única pela qual nutro e sempre hei de nutrir a mais viva ternura, pois, quanto à amizade, convém que seja recíproca ou não posso e não quero mendigá-la.”

Seria o caso de pensar que Sophie de Condorcet pudesse ter muito ciúme de Giulia e, por isso, de vez em quando a tratava com frieza.

No entanto, quando Giulia foi atingida pela desgraça, recebeu de Sophie de Condorcet um valioso e forte apoio. Carlo Imbonati morreu de repente, vítima de uma cólica biliar. Havia muito sofria do fígado, mas ninguém tinha percebido a gravidade de seu mal. Sophie de Condorcet, Cabanis e Fauriel foram os primeiros a acorrer à casa da Place Vendôme. Giulia soluçava sobre o cadáver e não queria se separar dele. Sophie sugeriu que fosse embalsamado e depois levado a Meulan, no jardim da Maisonnette. Não se chamou nenhum padre para abençoar o falecido. No espaço de uma tarde, Giulia encontrou um embalsamador. No jardim da Maisonnette havia uma capela, porém não fora consagrada. Ali se depositou o corpo embalsamado de Carlo Imbonati. Havia sido violadas todas as leis eclesiásticas, que proi-



biam sepultar os mortos em lugar não abençoado. Giulia sentiu-se ligada a Sophie por uma gratidão indestrutível.

Carlo Imbonati fizera um testamento, anos antes, em Milão, quando ele e Giulia estavam de partida para a França. Depois de sua morte o testamento foi aberto, em Milão, diante de um tabelião, e comunicado a Giulia, que não arredara pé de Paris. Ela já conhecia seu conteúdo, porque à época Imbonati lhe dissera; só não sabia as palavras exatas. Catorze legados eram em favor dos parentes dele e das pessoas de casa; o resto do patrimônio era destinado a Giulia. “De todos os outros meus bens, móveis e imóveis, créditos, razões, ações, e tudo o que à época de minha morte for parte de minha herança, instituí e instituo minha herdeira universal Giulia Beccaria Manzoni... e esta minha livre e irrevogável decisão é para um atestado, que desejo seja tornado público e solene, daqueles sentimentos puros e justos que tenho e sinto por minha referida herdeira devido à constante e virtuosa amizade por mim professada, da qual reporto não só uma plena satisfação dos anos passados com ela, mas uma convicção íntima de dever à sua virtude e verdadeira dedicação desinteressada a tranquilidade de espírito e felicidade que me acompanhará até a sepultura; razões estas pelas quais, não podendo eu jamais chegar a satisfazer meu coração na plenitude de seus sentimentos em relação à minha referida herdeira, rogo ao Deus supremo, nosso pai e criador comum, que receba como humildemente lhe ofereço meus votos com toda a efusão de meu coração para o maior bem de minha referida herdeira e para que nos conceda bendizê-lo e adorá-lo eternamente juntos.”

Carlo Imbonati morreu em 15 de março de 1805; tinha 52 anos. Giulia estava com 43. As últimas palavras do testamento faziam-na pensar em Deus. Nunca refletira muito sobre isso. No ambiente em que vivia, ideias religiosas não existiam. Foi ter com um pastor protestante, Federico Menestraz, que conhecera na ca-

sa de uma velha senhora de Genebra, Carlotta Blondel. Pediu-lhe conforto e conselho. Foi exortada a dedicar-se aos sofrimentos do próximo. Cultivou então a ideia de tornar-se irmã hospitaleira. Doou móveis e objetos de casa. Escreveu às irmãs de Carlo Imbonati e ofereceu-lhes parte do patrimônio que o testamento lhe destinava. Não quis voltar a morar na casa da Place Vendôme e arranjou um apartamento na Rue Saint-Honoré. No verão, seu filho chegou. Mudaram-se para uma casa maior, na Rue Neuve du Luxembourg.

## II.

Aos doze anos, Alessandro deixou o colégio dos padres somascos, que detestava. (“Oviário asqueroso”, definiria mais tarde.) Foi transferido para o colégio Longone em Milão, que detestou tanto quanto ao outro. Porém, fez amizades: Arese, Pagani, Confalonieri, Visconti. Ficou lá até os dezesseis anos. Depois foi morar na casa da Contrada Santa Prassede, onde foi recebido pela depressão profunda de dom Pietro, a lugubridade das tias solteiras, o tio monsenhor com quisto no olho, e por tudo aquilo que havia aborrecido e entristecido Giulia no tempo em que ela morava com essas pessoas. Dom Pietro não sentia pelo rapaz nem afeto nem hostilidade. Sua presença em casa o perturbava, trazia-lhe lembranças de Giulia e de seu próprio casamento infeliz. Achava, porém, que tinha o dever de se comportar com decoro. Aquele rapaz lhe fora imposto pela lei, e dom Pietro situava a lei na esfera mais alta da condição humana. Mas não tinha condições de lhe dar nada a não ser um olhar severo e cansado, uma proteção canhestra e desprovida de palavra. Por sua vez, diante desse homem tão melancólico, o rapaz também não sabia como se

comportar. Não se sentia à vontade. Tinha um grupo de amigos cujo comportamento imitava. Conversavam sobre mulheres e, à noite, todos iam jogar no Salão do La Scala. Nessa época conheceu Vincenzo Monti, poeta, e nele viu um caráter respeitável, uma imagem a ser imitada. Escrevia versos e Monti os lia. Uma noite, no teatro, sentado num camarote perto da condessa Cicognara, Alessandro avistou Napoleão Bonaparte; fulminantes, os olhos do general pousaram um instante nessa condessa que o odiava e ele sabia disso, e desviaram-se com desprezo; o rapaz conservou para sempre na memória aqueles olhos penetrantes e desdenhosos.

Durante uma estada em Paris, Vincenzo Monti se hospedou com Giulia e Carlo Imbonati — não muito tempo antes da morte de Imbonati. Monti falou de Alessandro. Imbonati então escreveu a ele, convidando-o a visitá-los. Tinha curiosidade de conhecê-lo e se sentia em culpa por nunca ter, nem ele nem Giulia, pensado seriamente no rapaz que crescia distante. E ele, na verdade, roubara-lhe a mãe. Além disso, talvez de forma inconsciente previsse sua morte e quisesse que Giulia tivesse o filho a seu lado. Alessandro estava com dezenove anos. Quando recebeu a carta de Imbonati, pediu a dom Pietro dinheiro para a viagem. O pai lhe deu e pensou em sua partida com um sentimento de libertação. Na primavera, chegou a notícia da morte de Imbonati. Alessandro foi para Paris em junho.

Em Paris, na Rue Saint-Honoré, mãe e filho se encontram frente a frente e olham-se como duas pessoas que nunca haviam se visto. Não são mãe e filho, mas uma mulher e um homem. Ela sofre por uma perda recente e traz no rosto os sinais da dor. De súbito, ele se sente chamado a servir-lhe de apoio. Não são mãe e filho, pois entre eles os vínculos maternos e filiais foram rompidos no decorrer dos anos, já que viviam distantes um do outro e desejavam se esquecer mutuamente. Nele, a imagem materna que o deixou só e foi embora se encontra soterrada na memória, an-